PORTUGAL ENTRE PATRI-MÓ-NIOS

3#
ARTE E CRIAÇÃO

PROCESSO //

NECESSIDADE //

ESTÉTICA //

ARTE E CRIAÇÃO

Emília Ferreira

Sempre que falamos em arte e criação, a conversa parece envolver-se de um certo perfume de mito e, de algum modo, ficamos expectantes, antecipando a entrada em cena da musa. Território aparentemente inacessível para o comum dos mortais, esse lugar misterioso em que a "arte" e o seu alterego "criação" se encontram, ensombra a maioria de nós com a intangibilidade de algo roubado aos deuses e, por isso, apenas acessível a uma muito rara estirpe de gente. E, contudo, se a Arte é o fazer que distingue os humanos dos outros animais, isso significa que ela faz parte da nossa natureza comum. Arte e criação são necessidades do espírito humano, tão "concreta[s] e definida[s] como outra coisa qualquer"[i].

Animal simbólico, contador de estórias, inquiridor de sentidos, bípede e munido de um polegar oponível que lhe permitiu a manufactura de utensílios, o sapiens soube inventar aquilo a que o mitógrafo italiano Roberto Calasso descreveu luminosamente como "dádivas dotadas de mente" — o alfabeto. Dotado de tais capacidades, que nos permitiram passar conhecimento e difundi-lo, fazendo-o transpor as barreiras do tempo e do espaço, só isso nos poderia ter conferido o poder que os nossos frágeis corpos, individualmente, jamais nos garantiriam.

Ao longo da história, a nossa capacidade de criação e de inquirição, de dúvida e de curiosidade serviu para desenhar deuses e tragédias, erigir pirâmides e calcular a distância da Terra à Lua, perscrutar o movimento de planetas e até a sua existência, antecipar tempos de semeadura e colheita, gizar estratégias de combate e cartografar o mundo, alterar a face da paisagem natural, transformar o trigo em pão e a cevada em cerveja, transverter a acidental fermentação das uvas em vinho, e criar instrumentos tão surpreendentes como o violino, cuja corda mi parece ter o dom supremo de nos agarrar pelas entranhas e entranhar-nos a alma. Ao longo da história, sedimentaram-se tempos sobre cidades e gentes, escreveram-se livros essenciais e absolutos, perseguiram-se crenças e nações, teceram-se sedas e damascos,

[i] Socorro-me aqui de um verso de António Gedeão, do poema Pedra Filosofal.

bordaram-se infinitos trajes, inventou-se a lâmpada, percebeu-se que as maçãs, como os mais frutos e o mais no mundo, caíam para baixo, e descobriu-se que não vivíamos no centro do universo.

AO LONGO DOS SÉCULOS, A ARTE TEM-NOS MOSTRADO O MUNDO COMO NUNCA O TERÍAMOS VISTO SEM O SEU ESPELHO MÁGICO QUE O REFLETE, MODELA E ESTIMULA

Para tudo, e o tudo que aqui falta, foi necessária a capacidade de interrogação, de busca, a humildade e a teimosia da paixão que nos levam a ir de tentativa e erro a tentativa e erro até uma qualquer descoberta, uma verdade provisória, enquanto outro tempo e outras perguntas e descobertas não a tornam falsa e obsoleta.

Tinha razão Pessoa quando referia ser tão bela a Vénus de Milo como o binómio de Newton, assim equiparando a Arte à Ciência e assim relembrando que tudo nasce do mesmo cérebro capaz de conter em si o conceito de infinito.

Que significa tudo isto? Que a Arte, como aquilo que lhe dá corpo, a Criação, é uma forma metódica e contínua de abordar o mundo e que a sua qualidade e a sua novidade vêm de processos de sedimentação do conhecimento, de relacionamento do conhecido com a capacidade de encontrar a dissonância que cada um descobre e inquirir quanto ao seu porquê.

Essa amplitude de funções essenciais (registo, memória, homenagem, invocação, provocação, medo, ensinamento, maravilhamento, ilustração) torna a Arte o mais justo e adequado espelho de cada tempo. Ao longo dos séculos, a Arte tem-nos mostrado o mundo como nunca o teríamos visto sem o seu espelho mágico que o reflete, modela e estimula, dando-nos não apenas o belo (geográfica e temporalmente variável), mas também o feio, estimulando os nossos vários sentidos e mantendo-nos alerta. Mas, sobretudo, tem criado mundos extraordinários, lugares de cuja existência jamais suspeitaríamos se os e as artistas não se tivessem aventurado por territórios nunca antes explorados, para trazerem de lá os mistérios que aí viveram, levando-nos depois, encantados ou temerosos, mas sempre expectantes, a percorrê-los, na segurança dos nossos corpos e na exaltação das nossas mentes.

Se é verdade que fazer a vida correr nesse fio instável e sem rede que assiste aos artistas não é apetecível ou até profissionalmente alcançável por todos, a fruição artística e o pensamento em modo criativo estão, na verdade, no centro do que é ser humano e são, por isso, capacidades a desenvolver por todos nós. No nosso adn comum de seres simbólicos e curiosos, como poderemos sequer pensar que tais caminhos são só para alguns?

Descoberta desafiante

PROCESSO //

A mobilização das formas e processos da criação artística e cultural constitui uma ferramenta imprescindível de uma educação "sensível" em todo o significado da palavra: sensível porque mobiliza potenciais e aptidões de desenvolvimento sensorial, recursos e formas de expressão e de representação, e meios/instrumentos de descoberta e de indagação.

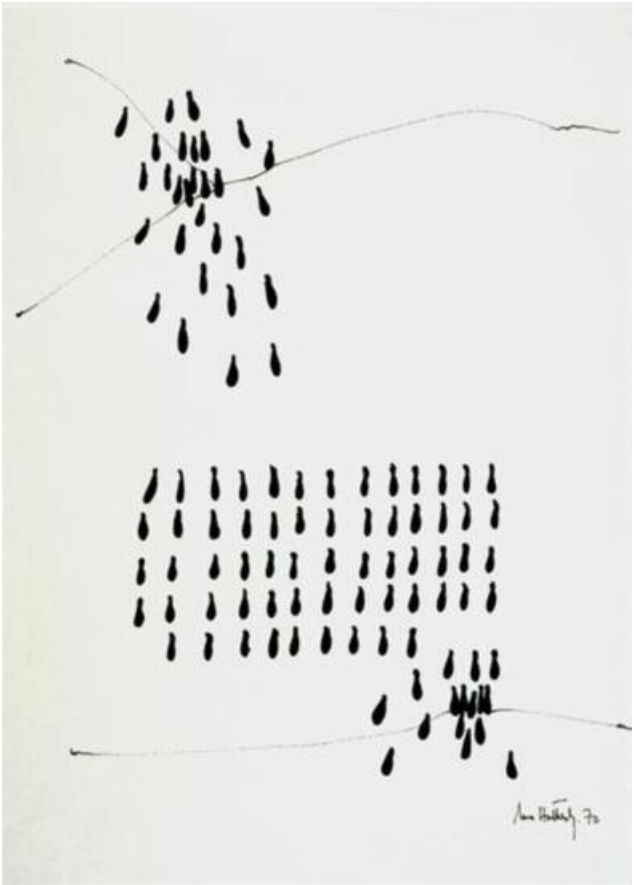
OSMOPE
http://www.osmope.pt/identidade/projeto-educativo/, consultado a 12.11.2019

A necessidade do ato criativo
distingue-se pela sua intenção

NECESSIDADE //

O acto de criar é um estado de extática não-reacção a tudo o que não seja ele. Pela natureza explosiva exclui a multiplicidade. É total preensão. O acto criador é a ostentação de uma necessidade. Penso nisto e depois digo: Não sou uma ave nocturna, sou uma toupeira do dia.

Ana Hatherly, (2006). 211 de 463 tisanas. Quimera: Lisboa. pag. 94.



ANA HATHERLY • SEM TÍTULO 70 • 1970 • DESENHO • Nº INVENTÁRIO 3465ETC

As artes como parte da vida

ESTÉTICA //

O que seria a vida sem música e literatura, arquitetura e design, cinema e pintura, dança e teatro? Compreendemos as artes como parte da vida – e não um mundo paralelo, fora da existência ou num âmbito isolado da «cultura». Como afirmou Sophia de Mello Breyner Andresen, na intervenção que fez na Assembleia Constituinte, em 2 de setembro de 1975: «(...) a cultura não é um luxo de privilegiados, mas uma necessidade fundamental de todos os homens e de todas as comunidades. A cultura não existe para enfeitar a vida, mas sim para a transformar –para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade e em justiça (...)». Nesse sentido, a estética não está distante da ética nem da política. Recuperaremos, com esta certeza, o propósito e esforço de muitos artistas desde os anos 60 e 70 do século XX: cruzar a arte e a vida, revelá-las como uma unidade. Assim, não valorizaremos apenas o objeto artístico, mas o processo criativo e a atitude estética.

In *Plano Nacional das Artes uma estratégia um manifesto 2019–2024*. Lisboa, junho 2019.

HELENA ALMEIDA SÉCULO • OLIVE-ME • XX (1978) • PROVA POSITIVA A PRETO E BRANCO, TINTA DA CHINA E CRIMA DE CAVALO / GELATINA SAL DE PRATA • Nº INVENTÁRIO 2813

ANTÓNIO PEDRO, SABAT – DANÇA DE RODA, 1936, ÓLEO SOBRE TELA, COL. MNAC, INV. 2373

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
[Portugal entre Patrimónios]

CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO
Lúcia Saldanha

CONSULTORIA EDITORIAL
Anabela Carvalho, Daniela Ambrósio,
Emília Ferreira, Ruth Calvão

APRESENTAÇÃO
Lúcia Saldanha

TEXTOS
Carlos Ribeiro, Cristina Vaz de Almeida,
Emília Ferreira, José Manuel dos Santos,
Lúcia Saldanha, Maria Adelaide Ferreira,
Rui Afonso Santos

POSFÁCIO
Emília Ferreira

REVISÃO DE TEXTO
Angelina Pessoa

DESIGN GRÁFICO
António Faria

FOTOGRAFIAS DE CAPA
Duarte Belo

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO
Digiset

EDIÇÃO DIGITAL
www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/
wpcontent/uploads/2019/12/livro_portugal_entre_patrimonios.pdf

EDIÇÃO
Museu Nacional
de Arte Contemporânea

janeiro 2020

© dos textos: os autores
© das imagens: os autores e os proprietários
© da presente edição: Direção Geral do Património Cultural-MNAC

ISBN 978-972-776-570-6
Depósito Legal: 465811/20

Nesta edição respeitou-se o acordo ortográfico, exceto nas opções expressas
pelos autores ou citações de publicações existentes.
Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores
e não refletem necessariamente o ponto de vista do MNAC.
Este livro integra a produção editorial do projeto [PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS].

Ao falar-se do [Portugal entre Patrimónios] como realidade, está-se perante uma construção em curso – singular e exploratória. Esta publicação testemunha a atenção e envolvimento do Museu Nacional de Arte Contemporânea nesta rede de infraestruturais culturais implantadas no território.Com elas, o MNAC pretende abrir caminho a novas experiências e permitir uma mais lata perceção da contemporaneidade artística e comunitária.

Este livro é uma relação possível com o real, um modelo de proximidade entre iniciativas e simultaneamente um horizonte de possibilidades no espaço geográfico nacional.

Independentemente da dimensão utópica do projeto, a memória, a atenção e o pensamento, associados à escala, ao território e ao tempo, cruzam aqui três ideias: a comunicação dialógica, o estar em grupo e o fazer com o outro.

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
PATRIMÓNIO CULTURAL Direção-Geral do Património Cultural
MNAC
[PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS]